



SEGUNDO

03 DE
AGOSTO
2026

SEMESTRE

EDUCAÇÃO INFANTIL



RETOMANDO A
CAMINHADA

cruzando fronteiras e
estendendo **pontes**

ADRIANE BARBOSA NOGUEIRA LOPES
Prefeita de Campo Grande

CAMILLA NASCIMENTO DE OLIVEIRA
Vice-prefeita de Campo Grande

LUCAS HENRIQUE BITENCOURT DE SOUZA
Secretário Municipal de Educação

MARIA LÚCIA DE FÁTIMA DE OLIVEIRA
Secretária Adjunta Municipal de Educação

ANA CRISTINA CANTERO DORSA LIMA
Superintendente de Políticas Educacionais

LEUSA DE MELO SECCHI
Chefe da Divisão de Educação Infantil

ADELINE SILVA BARRETO SOUZA
ANA LUCIA DO ESPÍRITO SANTO
ANA LÚCIA GASPARINI
ANDRESSA FERREIRA GUIMARÃES BERNAL
APARECIDA COSTA DE MELLO SILVA
CAROLINA MACIEL DE LIMA MARTINEZ
CÁSSIA APARECIDA POMPEU MULLER
DANIELY RODRIGUES ARAUJO
DAYANI SILVA DA CRUZ
GABRIELA SIMÕES LIMA
IRMA ESPÍNDOLA DE CAMARGO
JÉSSICA DA COSTA BRITO
JOYCE ALMEIDA DE SENA CARVALHO
JULIANA PEREIRA DA SILVA
LARÊSSA CINTRA DE ALMEIDA
LAURA SIMONE MARIM PUERTA
LIDIANE DE CASIA SALES OLIVEIRA RODRIGUES
MAIARA DE OLIVEIRA NOGUEIRA KLAVA
MÁRCIA SEBASTIANA XAVIER
PRISCILLA CASAL CANDIA
RAFAEL DANTAS DE OLIVEIRA
VANESSA BULDE DE OLIVEIRA
VANIA CRISTINA BREGANHOLI
VILAUTA TEODORA DA SILVA
WILCELENE PESSOA DOS ANJOS DOURADO MACHADO
Equipe Técnica da Divisão de Educação Infantil



RETOMANDO A CAMINHADA

cruzando fronteiras e estendendo pontes¹

Retomar o trabalho docente na Educação Infantil no início do segundo semestre envolve expectativas e questionamentos. Se, por um lado, implica dar continuidade ao período anterior, por outro, abre novas possibilidades e reivindica novas ações, pautadas pela pausa e pelas reflexões surgidas no acompanhamento das práticas pedagógicas realizadas até então. Muitas questões que envolvem o cotidiano escolar devem ser analisadas tendo em vista as especificidades da Educação Infantil. A docência é um trabalho social que se constitui pela trama de diversas experiências, mudanças nos modos de interagir e conviver que colocam a tarefa docente diante de problemas inéditos, frente aos quais exige pensar e realizar uma docência que abra espaço para o diálogo entre o mundo adulto e o tempo da criança.

Diante disso, a Superintendência de Políticas Educacionais – SUPED, por meio da Divisão de Educação Infantil – DEINF, organizou uma sugestão de leitura e vídeos para o dia 03/08/2026 que pode ser utilizada na íntegra, articulada com o planejamento da escola ou, ainda, utilizar somente o que a unidade já tenha organizado. A finalidade é contribuir com a escola para o dia do retorno de todos os professores, assistentes, equipe técnico-pedagógica e demais profissionais.

1. A organização desse material teve como fundamento e referência o texto: Docência na educação infantil: cruzar fronteiras e estender pontes (pág. 33 a 37). In.: **Ser docente na educação infantil: entre o ensinar e o aprender** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. - 1.ed. - Brasília: MEC /SEB, 2016.



TEXTO-BASE (ANEXO)

KARNAL, Rose. Disciplina. In: **Conversas com um jovem professor**. Leandro Karnal. São Paulo: Contexto, 2016. Páginas 105-120.



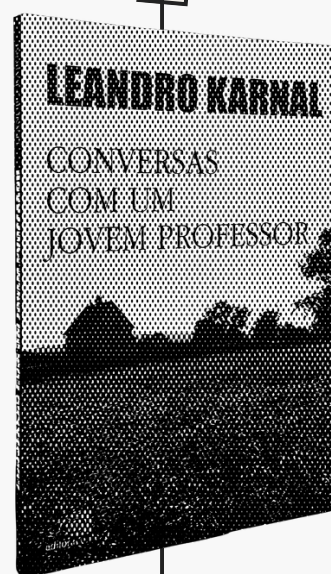
Rose Karnal é professora, formada em Letras pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em 1985, e pós-graduada em Literatura Infanto-Juvenil. Leciona em ensino médio e fundamental há 32 anos. Iniciou sua vida profissional na rede pública. Atualmente, trabalha no Colégio São José, em São Leopoldo. Fazer a diferença na vida do aluno, levando as possibilidades de conhecimento e convivência saudável... eis algumas das razões para continuar no magistério. É coautora do livro “Conversas com um Jovem Professor”, da editora Contexto.

(Karnal, 2016)

Na contracapa do livro (Karnal, 2016), a obra é apresentada da seguinte maneira: “O professor entra na escola e parece que nasceu para dar aula, sabe como lidar com as crianças, faz camaradagem com os colegas, dialoga com os pais. Nunca comete um deslize. Passa muito bem o seu recado e todos o adoram! Será que nasceu sabendo ou foi aprendendo ao longo de alguns sucessos e outros tantos fracassos?

Muitos são os livros que trazem teorias sobre a sala de aula, mas faltava um sobre a prática de ensinar. Não falta mais. Nessas “conversas” o leitor não encontrará citações de grandes obras, conhecerá experiências em classe. Tanto as que deram certo como as que fizeram o autor se arrepender depois”. (...)

É possível perceber que o livro apresenta discussões que dizem respeito à educação escolar nas diferentes etapas, ou seja, o que é comum ao exercício da docência. Sua leitura permite identificar os sentimentos, tensões, desafios enfrentados pelos(as) professor(as), numa perspectiva que aponta o “porquê continuar vale a pena”.



SUGESTÃO DE ENCAMINHAMENTOS

03/08/2026

1º momento

Iniciar com a Leitura para apreciação do texto “Uma imensa admiração” , de Ana Maria Machado (página 6).

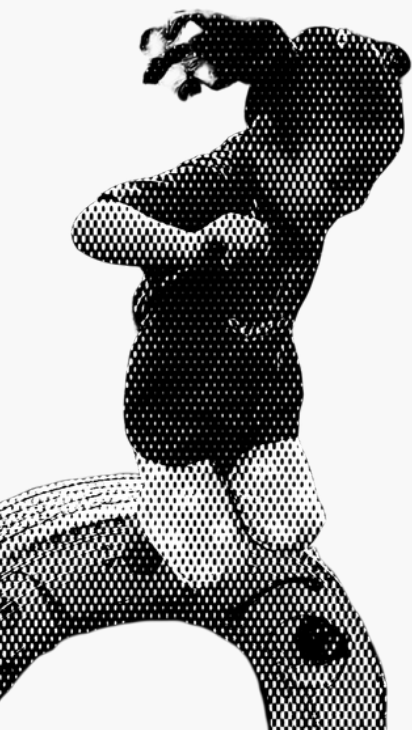
Fonte: MACHADO, Ana Maria, et al. **5 Atitudes pela Educação:** orientações para coordenadores pedagógicos. São Paulo: Moderna, 2014.

2º momento

Leitura e discussão do texto “Disciplina”, de Rose Karnal. Segundo a autora, “aprendi com o passar dos anos que a disciplina em sala de aula é uma conquista diária e também uma repetição de pequenas ações indispensáveis para que se tenha um clima tranquilo de aprendizagem.” (KARNAL, 2016, p. 108)

A partir da leitura do texto e do destaque acima, discutir na perspectiva da Educação Infantil:

- Como entendemos o conceito de disciplina?
- O que o texto apresenta sobre o conceito de disciplina?
- Tendo em vista a faixa etária nesta etapa, o que seria um “ambiente tranquilo de aprendizagem”?
- Quais as “pequenas ações indispensáveis” que contribuem com um “clima tranquilo de aprendizagem”?



3º momento

“[...] Há uma diferença entre ser autoritário e ser autoridade. O aluno [criança] precisa perceber essa distinção e reconhecê-la na figura do professor [adulto]. A legitimação da autoridade só ocorre se há uma intensa energia e disposição investidas nisso, coerência constante entre o que é dito e as ações provenientes desse discurso. Ela deve fazer parte da vida do professor, caso contrário, nos perderemos no percurso [...]” (KARNAL, 2016, p. 108).

- *Como os bebês e crianças pequenas percebem e vivenciam a autoridade do(a) professor(a)?*

4º momento

Exibição do vídeo “Cuidar da Educação Infantil é cuidar dos começos”, de Paulo Fochi.

- Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nSfciOPFelo>.



Paulo Fochi é Doutor em Educação na linha de Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares (USP) na Universidad de Barcelona (UB); Mestre em Educação na linha Estudos sobre Infância (UFRGS) com estágio de missão científica na Universidad Publica de Navarra; Especialista em Educação Infantil (Unisinos) e Licenciado em Pedagogia (Unopar). Líder do Curió: Grupo de Pesquisa sobre crianças, cotidiano pedagógico e educação infantil (Unisinos/CNPq); Pesquisador colaborador do Contextos Integrados em Educação Infantil (USP/ CNPq). Membro da Associação Criança (Braga/Portugal) e Membro de Special Interest Group (European Early Childhood Education Research Association – EECERA). Fundou e coordena o OBECI – Observatório da Cultura Infantil. Foi um dos quatro consultores e redatores para a construção do documento da Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil (MEC).

Fonte: Instituto Emília



Aqui é aquele negocinho que eu já tinha falado, que é a bateria. A bateria é a nossa energia quando a gente corre, aí vai gastando ela aos pouquinhos. A gente recarrega ela quando a gente para um pouco, daí ela sobe e fica maior. Daí a gente corre de novo para gastar um pouquinho. Corre e para, corre e para...



5º momento

Após a exibição do vídeo, recuperar os momentos finais da fala de Paulo Focchi e lançar para o grupo a seguinte questão:

- “Que escola amorosa queremos construir com as crianças nesse semestre?”

Sugestão: registrar e organizar as respostas em um cartaz para ser fixado em local da escola que permita a sua visualização ao longo do semestre.

6º momento

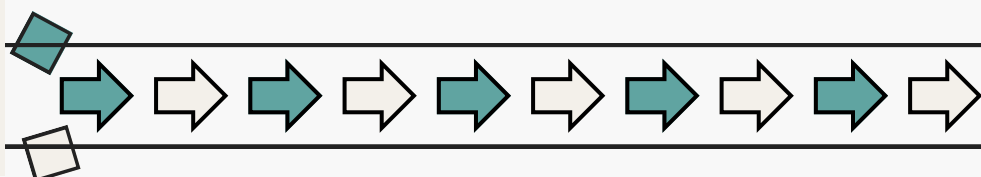
Finalizar com o vídeo: “Uma mensagem do Cortella aos professores”, com Silmara Casadei e Mario Sergio Cortella.

- Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=trhXRF_4Z.



Mario Sergio Cortella é um filósofo, Mestre e Doutor em Educação, professor-titular aposentado da PUC-SP e professor-convidado brasileiro da Fundação Dom Cabral desde 1997; foi Secretário Municipal de Educação de São Paulo. Comentarista na mídia e palestrante, é autor de vários livros, entre eles: “Qual é a tua obra?”.

Fonte: Ebiografia





TEXTO PARA APRECIÇÃO

UMA IMENSA ADMIRAÇÃO

ANA MARIA MACHADO

Pelo lado materno, venho de uma família de professores, o que sempre nos encheu de orgulho, por sabermos que essa é uma das profissões mais úteis que pode haver. Compartilhar as novas gerações parte do conhecimento acumulado pela humanidade ao longo de séculos, sem dúvida alguma, é uma tarefa importantíssima e fundamental. Então, sempre foi com alegria que contei a meus filhos e netos como essa nossa história começou com meu avô, professor de matemática e física durante 50 anos. E acrescentei que meu tio Nelson era professor de história, da mesma forma que o filho dele, meu primo Manoel. Minha tia Mabel era professora de Ensino Fundamental e foi diretora de escola pública. Tio Guilherme foi professor de português - e Luís, filho dele, ensinou história, e seu irmão Reinaldo foi professor, e minha mãe cursou Escola Normal, e eu também dei aulas de línguas e literatura, da mesma forma que minha irmã Lucia.

Alguns de nós depois mudamos de profissão e fomos fazer outras coisas. Como eu, que acabei me dedicando a escrever, há mais de 40 anos. Mas todos temos um segredo em comum. Sabemos que devemos ao magistério algumas das maiores alegrias de nossas vidas. Alegrias que se repetem.

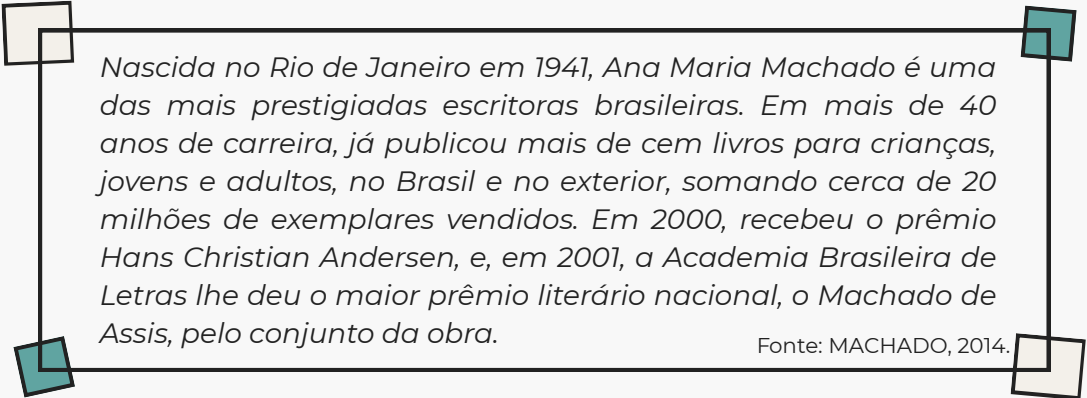
A primeira é quando a gente verifica que o trabalho deu certo e que o aluno está entendendo, dando um passo adiante, e acaba de aprender algo que não sabia. Algo que, a partir desse momento, vai passar a fazer parte de seu conhecimento na vida. Nunca mais ninguém poderá tirar isso dele - e foi o professor que acabou de lhe

dar esse tesouro. A segunda vem muito mais tarde. Ocorre naquele instante em que um professor encontra um ex-aluno que vem cumprimentá-lo com carinho, agradecido pelo que aprendeu, grato pelo que reconhece ter recebido, numa lembrança afetuosa de um tempo bem aproveitado que deixou bons frutos.

Quando o grande escritor franco-argelino Albert Camus ganhou o prêmio Nobel de Literatura (1957), uma das primeiras coisas que fez foi escrever uma carta agradecida a seu antigo mestre. Nela, afirmava: "Quando eu soube da novidade, meu primeiro pensamento, depois de minha mãe, foi para você. Sem você, sem essa mão afetuosa que você estendeu ao menino pobre que eu era, sem seu ensino, sem seu exemplo, nada disso teria acontecido".

Na hora de receber o prêmio, Albert Camus fez questão de dedicar seu discurso a Louis Germain, o professor com quem estudara quando era criança. Relembrou que ele era seu ídolo na infância e adolescência, e o garoto queria ser como ele, um mestre. Mas como adoeceu com tuberculose e, naquele tempo, a lei não permitia que quem tivera essa doença pudesse seguir o magistério, ele teve de mudar os planos. Nunca, porém, deixou de valorizar quem fez tanta diferença em sua infância e abriu as portas de seu futuro, mudando para sempre sua vida. Seu último romance, publicado postumamente, *O primeiro homem*, é um dos mais belos livros da literatura universal, construído em torno de uma grande homenagem ao professor.

É essa admiração tecida de gratidão sincera que deveríamos sentir. E o Brasil precisa construir as condições para que todos tenhamos motivos para isso.



Nascida no Rio de Janeiro em 1941, Ana Maria Machado é uma das mais prestigiadas escritoras brasileiras. Em mais de 40 anos de carreira, já publicou mais de cem livros para crianças, jovens e adultos, no Brasil e no exterior, somando cerca de 20 milhões de exemplares vendidos. Em 2000, recebeu o prêmio Hans Christian Andersen, e, em 2001, a Academia Brasileira de Letras lhe deu o maior prêmio literário nacional, o Machado de Assis, pelo conjunto da obra.

Fonte: MACHADO, 2014.



TEXTO-BASE: DISCIPLINA

ROSE KARNAL

Decidi ser professora aos 5 anos de idade.

Adorava dar aulas para as bonecas, que permaneciam sentadas, quietas e nada questionavam. Uma admirável sala de aula sem barulho, sem reclamações, sem desafios e muito menos conflitos. O tempo passava rápido e tudo era muito prazeroso para mim. Que maravilha!, pensava comigo mesma... É isso que eu quero ser quando "crescer": professora.

Um pouco depois, passei a exercer o magistério com alunos reais: meus irmãos mais novos (pobre deles!) e uma vizinha mais "velha" (lembro-me de que ela tinha 7 anos na época). Igualmente, a sala de aula lúdica era surpreendente: eles obedeciam e faziam os exercícios.

“Uma admirável sala de aula sem barulho, sem reclamações, sem desafios e muito menos conflitos.”

O tempo passou, os 5 anos ficaram vivos em minha memória, mas a vontade de "dar aula" para crianças permanecia intensa dentro de mim. Estudei, fiz o curso Normal (assim era chamado naquela época) e continuava encantada com o exercício docente: sabia que apareceriam alguns obstáculos, no entanto. "A missão era algo muito maior, uma verdadeira vocação para os que a abraçavam", dizia para as colegas.

Depois de estudos, trabalhos, leituras, inúmeros planos de aula, desenhos, apresentação de resenhas, recolhimento de todo tipo de material (ata, papel, garrafas, lã, tampinhas, figurinhas.... haja espaço

para guardar tanta coisa!), de seminários, substituições na própria instituição ou em escolas da periferia, chegou a fatídica hora do estágio supervisionado de seis meses. Um turbilhão de emoções tomou conta de todos nós (sim, havia um representante do sexo masculino na turma). Estágio?? Já??? Sim, era o momento de mostrarmos que a teoria aprendida ao longo de três anos seria, finalmente, aplicada na prática. (O que nós não sabíamos era que a teoria nem sempre é condizente com a práxis.)

***“O que nós
não sabíamos
era que a
teoria nem
sempre é
condizente
com a
práxis.”***

O início do estágio era iminente, as dores no corpo se intensificavam a cada dia (garganta, coração, estômago...), mais e mais materiais concretos para levar no "primeiro dia", planos coloridos, dinâmicos e interativos... tudo estava sedimentado com a certeza de que o melhor tinha sido feito. E o mais importante nessa situação: tudo daria certo! (Pelo menos, era o esperado.)

Ufa, o sabor de dever cumprido pairava na atmosfera domiciliar!

Qual não foi a minha surpresa, ao chegar à série determinada para a minha atuação, constatar que os alunos não me queriam ali e que desejavam a volta da outra estagiária que havia dado aula para eles no primeiro semestre.

A primeira frase que ouvi foi: "Quando você vai embora?" E continuaram: "A outra professora era legal! Por que ela não ficou com a gente?"

Hoje, certamente, reagiria diferente, mas naquele dia foi bastante frustrante concluir que minha presença não era benquista ali.

Pensei em todos os planos caprichados e elaborados com tanto cuidado; lembrei-me do material confeccionado durante o tempo do curso; das teorias estudadas; da importância da postura do professor

diante dos desafios, porém era bem jovem e, apesar de inúmeras substituições durante os anos de magistério, ainda bastante inexperiente.

Conversei com os alunos, expliquei que cada pessoa tinha um jeito de dar aula e que era muito importante respeitar isso, pois eles ainda teriam vários professores ao longo da trajetória escolar. Salientei, também, que nesse modo peculiar de cada um se manifestar em relação à forma de aprender, fazia com que pensássemos diferente, e isso era a oportunidade de conhecermos outras óticas, novos rumos e perspectivas do assunto. Enfim, tudo pode ser crescimento, mas precisamos estar dispostos a fazer essa viagem de construção.

Falei isso e os problemas se resolveram? Que nada! Eles me olharam e disseram que preferiam que a outra professora voltasse imediatamente.

Eu não fazia ideia, no entanto, que o caminho seria longo, muito longo.

Para mostrar que não desejavam a minha presença na turma, conversavam sem parar, caminhavam pela sala a todo instante, não queriam realizar as atividades propostas (e preparadas com todo o cuidado), olhavam com desdém para o material trazido...

Resumindo: não me queriam ali!

Como não adiantava ficar no patamar das lamentações, o jeito foi sair em busca de alternativas. As visitas das supervisoras aconteceriam mais cedo ou mais tarde, então haveria muito trabalho pela frente.

Depois do sinal para o término da aula no primeiro dia, reuni minhas coisas e fui embora chorando. Sensação concreta de fracasso e de impotência. Fiquei pensando, pelo caminho, "que não tinha nascido para ser professora". Precisava achar logo outra profissão, pois esta não era para mim. Ao mesmo tempo, desistir de um projeto logo no início, parecia não combinar com os sonhos traçados por tanto tempo.

A turma não me desejava lá, isso era fato notório, incomodavam a todo instante, reclamavam por qualquer coisa, eu estava ansiosa, era inexperiente... O que fazer então?

No meu caso, a primeira providência foi continuar trabalhando apesar das "caras feias" e da pouca receptividade às atividades diárias.

Aprendi, com o passar dos anos, que a disciplina em sala de aula é uma conquista diária e também uma repetição de pequenas ações imprescindíveis para que se tenha um clima tranquilo de aprendizagem. A primeira premissa, nesse contexto, talvez seja o próprio conceito da palavra. O que eu entendo por disciplina?

Silêncio absoluto? Ordens cumpridas rapidamente? Obediência ao professor? Ninguém pedindo para sair da sala? O que fazer quando tudo parece perdido?

Como não há um único caminho a percorrer, vamos por partes...

Quando eu era aluna das séries iniciais, bastava o professor entrar no recinto, que a turma inteira ficava quieta. Quem "ousasse" dizer alguma palavra diferente de "bom-dia!" não era visto com bons olhos pelos próprios colegas. Hoje, as coisas são diferentes, outra época, outro contexto, porém o quesito respeito não sai de moda, independentemente do teórico que surgir ou das descobertas espetaculares que o ser humano for capaz de fazer.

Há muita diferença entre ser autoritário e ter autoridade. O aluno

“Aprendi, com o passar dos anos, que a disciplina em sala de aula é uma conquista diária e também uma repetição de pequenas ações imprescindíveis para que se tenha um clima tranquilo de aprendizagem.”

***“Há muita
diferença entre
ser autoritário e
ter autoridade.”***

precisa perceber essa distinção e reconhecê-la na figura do professor. A legitimação da autoridade só ocorre se há uma intensa energia e disposição investidas nisso, coerência constante entre o que é dito e as ações provenientes desse discurso. Ela deve fazer parte da vida do professor, caso contrário, nos perderemos no percurso, ficaremos sem norte. Como estou há muito tempo dentro da sala de aula, já observei colegas que, em uma tentativa de aproximação com os alunos, usam as suas gírias, comportam-se como tal, apropriam-se de uma linguagem gestual tipicamente juvenil com o intuito de sentir-se aceito e querido pelos alunos.

É importante lembrar que não somos *mais um* na turma, somos o *professor*, alguém que se preparou (e ainda continua nesse processo) para isso, que escolheu livremente essa profissão (ou não) e que tem a autoridade para exercer seu trabalho. Não sou contra a aproximação com o aluno, ela é benéfica, pode ajudar na aprendizagem, desde que eu me aproxime como professor e com toda a dimensão que o nosso papel possui: colaboramos intensamente para a transformação do aluno em cidadãos que podem fazer a diferença na sociedade. E, certamente, diremos isso com autoridade...

Outro aspecto importante referente à disciplina é que o aluno está atento aos detalhes, aos fatos que passam imperceptíveis aos nossos olhos, maximizam-se na ótica discente. Então, por mais simplório que possa parecer, ao proferir que "da próxima vez, você receberá uma

***“A legitimação
da autoridade só
ocorre se há uma
intensa energia e
disposição
investidas nisso,
coerência
constante entre o
que é dito e as
ações
provenientes
desse discurso.”***

punição", seja ela qual for segundo as normas escolares de cada instituição, essa deverá, realmente, acontecer.

Se ficar na ameaça não realizada, rápidos nas conexões neurais como são, perceberão que a alocação é infrutífera e, imediatamente, associarão ao não cumprir da promessa. Resultado previsível: não acreditarão mais nos seguintes prenúncios, farão de novo e provocarão tumulto.

No início do ano, principalmente se você for um professor novo na escola, é bom lembrar que aluno adora "teste"... Hein?

Como assim? Bem, não o exercício de avaliação, mas aquele que eles fazem com os professores. Aí está um momento crucial que funcionará como um divisor de águas em seu espaço de trabalho: ou você será "reprovado", ou seja, cairá nos engenhosos artifícios articulados para a distração da turma (causando a indisciplina), ou será "aprovado", revelando sua maturidade profissional, reduzindo o impacto disso de

“Porém, com toda a experiência que se possa ter, a criatividade dos alunos é impressionante e, mesmo os mais ‘antigos’, acabam sendo ‘reprovados’ algumas vezes.”

forma considerável. Porém, com toda a experiência que se possa ter, a criatividade dos alunos é impressionante e, mesmo os mais "antigos", acabam sendo "reprovados" algumas vezes. Caso isso aconteça com você, tente levar o foco para outra instância, a fim de que o tumulto causado pelo grupo não acabe com a sequência da aula. Se for algo de procedência grave, as sanções cabíveis devem entrar em cena. Ignorar o acontecido não é prudente. Assim como é inaceitável qualquer tipo de violência ao professor e/ao aluno. Acompanhamos, através da televisão, redes sociais, jornais, a ocorrência de inúmeros atos de verdadeira tirania em relação ao

outro, e não podemos permanecer calados diante disso. Se for o caso, busque ajuda na escola, na comunidade, em outros órgãos públicos, mas não receba, com naturalidade, essas ações.

Sou da opinião que não se deve deixar passar as coisas pequenas, para não surgir a necessidade de se corrigir as grandes no futuro. Transportando para o dia a dia, se ignorarmos a prática da observação em nossos alunos, contribuiremos, mesmo que indiretamente, para o surgimento da indisciplina. Se estamos atentos ao que acontece durante os períodos de aula, passamos mensagens subliminares, tais como: "estou presente aqui", "faço parte desse momento", "você(s) também faz(em) parte desse momento", entre outras. Não significa que precisamos assumir a postura de um integrante do seriado norte-americano sobre investigações policiais CSI (Crime Scene Investigation), procurando minudências a fim de detectar o culpado pelo início da desordem, muito menos chamar a atenção repetidamente. Às vezes, não falar fala mais do que a própria fala. O olhar do educador exprime muito, porém, se este vier acompanhado de raiva, será recebido da mesma forma pelo outro. Difícil, não? Relações, de modo geral, são exigentes, pois prescindimos sair da zona preferencial de conforto e aí principiam os conflitos. O conflito pode, certamente, ser uma oportunidade de verificar o problema e/ou dificuldade sob outro ângulo, mas a vida diária nos leva ao estresse por diversos fatores, somos humanos, portanto erramos mesmo não desejando ou trabalhando intensamente para que isso não aconteça.

“O conflito pode, certamente, ser uma oportunidade de verificar o problema e/ou dificuldade sob outro ângulo.”

Resgatar a disciplina em sala de aula é um exercício que "re-clama" nossa presença afetiva, nosso tom firme de voz e o bom-senso nas decisões imediatas. Para isso acontecer, lembremo-nos de que todos têm direito à apropriação do conhecimento em um ambiente adequado para esse fim, independentemente se a escola é

pública ou privada. Não estou sozinho no mundo, nesse caso, respeitar as pessoas que compõem a escola, bem como o espaço destinado a esse fim, sintetizam a extensão desse preceito. Escola deveria ser esse lugar para a construção e vivência de experiências e valores significativos.

“Inúmeras situações complexas acompanham o cotidiano escolar, desde a falta de materiais, número de alunos por turma, falta de motivação, violência verbal ou física, a indisciplina...”

Inúmeras situações complexas acompanham o cotidiano escolar, desde a falta de materiais, número de alunos por turma, falta de motivação, violência verbal ou física, a indisciplina... Sabemos como funciona a sala de aula... Se você possui um ano de experiência docente ou muito mais, já teve a sensação de ter uma classe inteira lhe observando, analisando sua metodologia, seu jeito de falar, a indumentária escolhida para o dia, seus movimentos airoso (ou não) diante do grupo. A sua determinação ao entrar na turma (no primeiro ou no último período) será facilmente constatada pelos alunos. Em síntese, se a turma está desorganizada, desmotivada, inquieta e nós mergulhamos nessa sintonia homogênea, certamente a indisciplina surgirá com uma velocidade impetuosa. Para que ocorra uma reversão favorável, urge que nossa postura e vontade sejam diferentes da observada na sala de aula. Com o dinamismo e a energia do professor, a "quebra" do marasmo acontece, o que é bastante significativo para o fortalecimento da disciplina, pois apareceram elementos diferenciados nesse contexto. Se o resultado obtido nessa etapa for positivo, a continuidade do trabalho exige propostas que desafiem o aluno, que o levem a pensar e buscar soluções. Nem sempre conseguiremos maravilhosos planejamentos diários ou que provoquem, de imediato, o gosto pela descoberta do conhecimento, no entanto, aí reside um ponto vital e que não pode ser esquecido: existe o desafio para o aluno e para nós, professores, também. A disciplina talvez, hoje, mereça um olhar mais atento e cuidadoso por parte de todos, visto que a mídia anuncia,

constantemente, casos e mais casos de problemas referentes ao tema deste capítulo por todos os cantos do Brasil. Se o seu desejo for, como o da maioria dos colegas, exercer seu ofício com uma turma disciplinada, prepare-se: você terá muito, mas muito trabalho pela frente.

Vamos recapitular um pouco: você é professor, estudou, preparou-se para esse fim, já constatou que a disciplina é importante para o andamento das atividades, também já pôde vivenciar algumas situações não agradáveis com alunos e/ou a turma, já teve vontade de sair correndo da sala e nunca mais voltar, já organizou uma aula sensacional (e "perdeu" muito tempo com isso) que não surtiu efeito algum, além do tédio exalado pelos inquietos estudantes.

Você conseguiu observar, também, dentro da proposição deste capítulo, que alguns de seus colegas conseguem conviver com mais "barulho e indisciplina" do que outros. Há certo e errado, então? Alguns são mais "durões" e os alunos fazem aquilo que lhes é solicitado? Não é bem assim...

Certas disciplinas, de acordo com sua especificidade, contribuem para que a aula seja mais "movimentada", causando, a priori, mais ruídos, deslocamentos, como é o caso da Educação Física. Difícil imaginá-la em completo silêncio... Existe, no entanto, o "barulho produtivo e contextualizado", que ocorre, principalmente, quando os alunos se reúnem em grupos, discutem suas ideias, elaboram algum tipo de material, socializam informações e questionam o professor. Quem passa pelo corredor e vê essa atividade, tem a impressão de que tudo não passa de caos; porém, para quem planejou, acompanhou o

*“Certas
disciplinas, de
acordo com sua
especificidade,
contribuem para
que a aula seja
mais
‘movimentada’,
causando, a priori,
mais ruídos,
deslocamentos
[...]*”

desenvolvimento e, ao mesmo tempo, está avaliando sua turma, tem a convicção de que esse "caos" é criativo e criador de novas interpretações para as questões apresentadas. O professor, nesse tipo de proposta, precisa estar ainda mais atento e presente junto à turma (por essa razão, o trabalho em grupo é uma das atividades que mais exigem do professor). Pode ser caos para quem vê do lado de fora, mas é uma elaboração conjunta e viva de muita aprendizagem.

Uma dica que uso há bastante tempo e que, por mais simples que possa parecer, dá certo, é reservar um tempo para organizar a sala. Fica mais agradável trabalhar quando há um mínimo de organização. Se tudo está de qualquer jeito, acaba acomodando o nosso olhar em relação ao ambiente, favorecendo o surgimento da indisciplina.

Procuro, ao preparar as aulas da semana, elaborar atividades a mais, para evitar sua criação repentina durante os períodos. Isso não significa que o professor não possa apresentar questões propostas a partir de um acontecimento peculiar na turma ou reforçar, naquele momento, determinado conteúdo que não foi bem entendido pelo aluno. No entanto, se só utilizamos essa maneira de agir, há possibilidade de não vir logo à tona um esboço daquilo que desejamos fazer... E aí a turma sente o impasse, e a indisciplina surge volátil e instantaneamente.

“Fica mais agradável trabalhar quando há um mínimo de organização. Se tudo está de qualquer jeito, acaba acomodando o nosso olhar em relação ao ambiente, favorecendo o surgimento da indisciplina.”

Outra questão que devemos levar em conta é a grande diferença de ritmos produtivos em uma série: existem alunos muito rápidos; outros, nem tanto. Quem termina suas tarefas, não gosta de ficar parado, sem fazer nada. E, quando o aluno está ocioso, começa a pensar em alternativas para preencher esse "vazio" temporal.

Mesmo que sua escola tenha poucos recursos materiais, pode-se organizar uma caixa (ou estante, se for possível) com livros (doados, angariados com amigos, vizinhos....) revistas, jornais, fichas com artigos, reportagens, poesias para uso coletivo. Ocupar o aluno com outra tarefa vai ajudá-lo na disciplina com a turma. Há necessidade de cuidado, também, quanto à orientação para o uso desse recurso: as atividades planejadas pelo professor devem ser concluídas, para depois servir-se daquilo que está disponível ao grupo. Pode ocorrer dos alunos mais lentos não conseguirem ter acesso ao material, pois, devido ao seu ritmo, não terminam as tarefas em tempo hábil. Então, cabe a você, em outra oportunidade (final do mês/bimestre/trimestre), oferecer uma parte da aula para que todos possam desfrutar do prazer da leitura.

Fiz o possível, mas este aluno...

Não conheço nenhum professor que não tenha encontrado, em alguma série ou escola, um (ou mais) aluno(s) difícil(ceis) de conviver. Se começamos a falar com profissionais dessa área, sempre há um caso complicado para relatar, um colega que "quase" enlouqueceu quando deu aula para "aquele anjinho", outro que soltou fogos de artifício ao saber que o referido aluno pediu transferência para uma escola bem distante da sua... Há tantas histórias que dariam vários e vários livros.

“Há tantas histórias que dariam vários e vários livros.”

O fato assume um contorno particularizado quando este aluno está no caderno de chamada, fará parte da sua turma durante todo o ano letivo e você, gostando ou não, será professor dele.

Existem infindáveis causas para justificar ou entender determinados comportamentos indisciplinados na sala de aula. A questão é distinguir o que nos compete no espaço escolar. Não podemos dar diagnósticos, sugerir remédios e/ou indicar terapias. Isso é da alçada

de outros profissionais! Precisamos trabalhar com a criança ou jovem que está à nossa frente. Uma coisa é indiscutível: quanto mais indisciplinado um aluno for, mais ele necessitará de nossa atenção. As vezes, o simples movimento de se colocar à disposição para ouvi-lo ou para lhe ajudar em exercícios mais complexos faz baixar a posição defensiva que ele assume na maioria das aulas.

O elogio, sem dissimulação ou disfarce, dado em uma circunstância específica, auxilia muito no fortalecimento da autoestima do aluno indisciplinado, quando você observar a necessidade disso. Erroneamente, avaliamos que o "bagunceiro", aquele do "fundão" que está rindo à toa, acredita muito em si e não precisa de nenhum incentivo. Em diversas ocasiões do exercício do magistério, pude observar que esse aluno estava fazendo muito barulho para que ninguém se aproximasse dele. A mensagem passada era: "Eu me basto!". Quando conseguimos chegar mais perto, conhecê-lo melhor, constataremos grandes surpresas. E, quem sabe, mudanças...

“O elogio, sem dissimulação ou disfarce, dado em uma circunstância específica, auxilia muito no fortalecimento da autoestima”

Certa vez, tive um aluno bastante difícil, pois vivia sorrindo para os professores (e aprontando...), conquistando as meninas da turma com galanteios e enaltecendo as qualidades dos meninos. Era complicada a repreensão, pois a turma o tinha no mais alto conceito de idolatria; então, ao adverti-lo por algum motivo, eles vinham tirar satisfações com o professor. "Por que você está pegando no pé do Fulano? Ele é tão legal!" Eu ficava com raiva da situação, no entanto, não encontrava um jeito de "quebrar" as alianças. Resolvi, então, construir o caminho inverso: aproximei-me, gradativamente, dos melhores amigos dele. Fui conversando com um, com outro, solicitei a opinião em debates e seminários, valorizei as ações adequadas em sala de aula, incentivei-os para que melhorassem as notas no trimestre... Passado certo tempo, no quinto período de uma sexta-

“Cara, a professora tá falando!”

feira, o aluno começou a atrapalhar a aula e, quando eu pensei em tomar uma providência, um de seus grandes amigos falou bem alto: "Cara, a professora tá falando!". A turma toda parou e olhou para quem estava dizendo a frase. Tentei fazer cara de paisagem, e ia me pronunciar, quando outro colega continuou: "Depois a gente conversa, agora não vai dar!" E prossegui a aula, com a turma colaborando e participando das propostas. Os colegas terem chamado a sua atenção calou mais fundo do que todas as vezes em que tive de parar uma explicação para fazer isso.

Minha experiência com várias turmas, de diferentes níveis, ensinou-me que não há um "segredo" ou "toque mágico" para resolver os problemas disciplinares: o que funciona com determinado aluno (ou turma) pode ser desastroso com outro. O que vale é o bom-senso. E uma grande dose de humildade quando extrapolamos nos xingamentos ou em acusações inverídicas. Reconhecer o erro é um dos sinais de maturidade do bom professor.

Um médico me falou, durante uma consulta de rotina, que alguns de seus colegas prescreviam a medicação mais forte para o paciente, a fim de que seu mal fosse logo sanado. Porém, acrescentou: "Se já começamos com a última etapa, perdemos a chance de resolver o problema com algo mais brando." Assim é na dinâmica da escola: se colocamos um aluno para fora da sala na primeira semana de aula, o que vamos fazer em outubro? Claro que, dependendo da gravidade do ato cometido, ele não pode permanecer no recinto, mas começar por essa estratégia não me parece o mais adequado.

Certamente, o problema da disciplina não vai terminar nas escolas. Ouvimos relatos a respeito de acontecimentos graves e violentos

"Se já começamos com a última etapa, perdemos a chance de resolver o problema com algo mais brando."

ocorridos entre alunos e professores: "Como isso foi acontecer?" Muito dessa problemática ultrapassa os muros da instituição, está além de nós a solução possível. Por maior que seja a nossa dedicação, não conseguiremos atingir alguns alunos (infelizmente). E posso lhes garantir, por experiência de longos anos, a sensação que paira no ar, quando um aluno sai da escola ou desiste de estudar, é de fracasso. Todavia, existem inúmeros outros que estão diante de nós e que precisam da nossa presença, atenção e, por que não, de que acreditemos na mudança, o que torna o professor um profissional ímpar em sua função.

Podemos observar, nas escolas pelas quais passamos, que alguns professores são extremamente carismáticos, conquistam os alunos já na primeira aula. Parecem que têm o dom de encantar a plateia discente. Essa habilidade especial para interagir com crianças e/ou adolescentes não é inerente a todos. Já observei colegas prepararem "aquela aula" (isso aconteceu várias vezes comigo também), com material e recursos diversificados, e os alunos não se sentirem "contagiados" pelo mestre. E conversaram, fizeram perguntas sem pertinência com o assunto tratado, frustrando aquele que se capacitou para isso, ao mesmo tempo que impediu a turma de debater e aprender o novo conteúdo.

Ter carisma favorece a consolidação da disciplina, pois a impressão que passa aos demais é que esse professor possui, acoplado em seu universo interior, todos os itens apropriados para uma aula que motive e desafie o aluno: conhecimento; tom de voz adequado; sensibilidade; capacidade de observação; afeto; firmeza para sustentar as decisões tomadas; liderança. Além disso, o bom professor também sabe ouvir; respeita o outro porque também quer isso para si; tem bom humor (nem sempre é possível...) e gosta do

***“Por maior que
seja a nossa
dedicação, não
conseguiremos
atingir alguns
alunos
(infelizmente).”***

que faz. Talvez, um dos grandes segredos na escolha de uma profissão nasça dessa premissa: fazer o que se gosta. E quem gosta, não desiste, pode até cansar, mas vai à luta. Recomeça se for preciso, a cada dia. Dá passos lentos como as tardes mormacentas de um verão escaldante. Reflete, ensimesmado nas manhãs nubladas de inverno, a trajetória feita nos meses letivos. Planeja, projeta, traça probabilidades pedagógicas em noites chuvosas do outono. E renasce através de seus sonhos, assim como o despertar das flores na primavera. Precisamos (e muito!) de mais professores acreditando que é possível sonhar com uma educação de qualidade. Precisamos de mais professores trabalhando com salários justos e dignos. Precisamos de mais professores que continuem se sensibilizando com a dificuldade de aprendizagem de alguns alunos. Precisamos, genuinamente, de mais professores!

“Precisamos (e muito!) de mais professores acreditando que é possível sonhar com uma educação de qualidade. Precisamos de mais professores trabalhando com salários justos e dignos. Precisamos de mais professores que continuem se sensibilizando com a dificuldade de aprendizagem de alguns alunos. Precisamos, genuinamente, de mais professores!”

Antes de concluir este capítulo, retomo alguns dos fundamentos essenciais para que se estruture a disciplina em sala de aula:

a) *Ter em mente a clareza de seu papel: você é o professor e deve ter autoridade.*

b) *Sou um professor, logo, sou humano e posso errar. Reconhecer nossas limitações é direção certa para o crescimento profissional.*

c) *Quando estiver na sala de aula ou em outro local com alunos, esteja inteiramente ali. Observe, reavalie, preste atenção nos sinais dados a todo momento pela turma.*

d) Tecnologia, ambientes diferentes, material diversificado ajudam a tornar as atividades mais atraentes e motivadoras, porém, o fio condutor dessa mistura toda é o professor.

e) Ritmos diferentes na turma: tenha algum material para oferecer aos alunos que concluem suas tarefas à frente dos demais.

f) Procure não esgotar o "arsenal de sanções" imediatamente, pois o ano letivo não termina no mês de maio...

g) Não seja, de forma alguma, conivente com a violência (verbal ou física), com deboches ou humilhações. Se a situação está difícil, busque auxílio rapidamente. Desenvolva parceria com os colegas, socialize suas angústias com os profissionais da escola, não tente resolver tudo sozinho.

h) Toda pessoa gosta de elogio. Se você pratica o exercício da observação com seu aluno, descobrirá qual a melhor ocasião para fazer isso (principalmente se ele vier demonstrando crescimento), sem superficialidade nem demérito para os demais.

i) Evite comparações de qualquer espécie: "Esta é a pior turma da escola"; "Nunca tive uma turma assim, que não vai para a frente!"; "Você é igual ao seu irmão!". O efeito, com esse tipo de comentário, geralmente é avassalador, pois reforça a parte negativa e desperta, em muitas circunstâncias, um certo ímpeto no aluno e/ou turma, ratificando, assim, sua "profecia" derradeira.

j) Organize a sala antes da entrada da turma. Um ambiente agradável ajuda a manter a disciplina. As vezes, perder esse tempo é, na verdade, ganhá-lo mais adiante...

k) Mesmo na segunda-feira de manhã ou na sexta-feira à noite, um toque de bom humor irá auxiliá-lo a conquistar a disciplina, pois existe naquilo que realizamos com o mínimo de alegria que seja a extraordinária possibilidade de cativar seus alunos e a aula fica mais leve e agradável.

1) Não desista!

E para finalizar, transcrevo um texto bastante significativo, do mineiro Carlos Drummond de Andrade, do qual gosto muito:

"Doze meses dão para qualquer ser humano se cansar e entregar os pontos. Aí entra o milagre da renovação e tudo começa outra vez, com outro número e outra vontade de acreditar que daqui pra diante vai ser diferente."

